A DESMISTIFICAÇÃO DOS PODERES BESTIAIS (APOCALIPSE 13)

Arlindo Moura

Introdução

É impressionante constatar como, em pleno início de III milênio, as preocupações, dúvidas e medos acerca do Apocalipse tomam conta ainda de grande parte dos cristãos. Mesmo com uma vasta bibliografia, estudos e pesquisas existentes, a imagem de um livro aterrorizante é a que domina o pensamento das pessoas, sobretudo no interior das comunidades.

Recordo-me da reação estranha de uma senhora, em uma pequena comunidade de Belém do Pará, ao ouvir minhas palavras dizendo que o livro do Apocalipse foi escrito para animar e fortalecer os cristãos que viviam os horrores da perseguição no Império Romano. "Você é a primeira pessoa que eu ouço dizer isso", exclamou ela.

Duas imagens – dragão e bestas – são aquelas que mais incomodam e impressionam. São seres poderosos e maléficos, cujas forças são capazes de arrastar para o caos o mundo e as pessoas. Obviamente, por trás dessas figuras se escondem situações concretas e históricas extremamente precisas, vividas num lugar e numa época bastante definidos: o Império Romano e seus governos inexoráveis.

O presente comentário, porém, não pretende abordar todo o livro do Apocalipse, mas, de maneira peculiar, o *capítulo 13*, em que as imagens referidas acima são destaques centrais.

Sem dúvida, olhando para este capítulo 13 do Apocalipse, é praticamente impossível não ver nele a imagem de uma realidade extravagante e desumana, produzida por pessoas prepotentes, egoístas e insensíveis, que fazem do poder político, religioso e ideológico um veículo de opressão, exclusão e legitimação de qualquer comportamento favorável às suas pretensões peculiares. É a revelação de uma infinita obsessão que, aparentemente, os tornam mais importantes e melhores que todo mundo.

De fato, no contexto em que se encontra centrado este capítulo 13, forças adversas se confrontam. De um lado, o poder do dragão – o adversário da mulher do capítulo 12, e inimigo de todos os que querem construir um mundo novo – encarnado nas duas bestas que se empenham em realizar as suas obras: violência, destruição, mentiras e ofensas; do outro lado, os santos que não querem tomar parte nos seus planos perversos e idólatras. Nesse combate, a força do dragão e suas bestas, a princípio, é bem maior que a força dos seus concorrentes, ele os vence parcialmente (Ap 13,17).

A terra é o lugar desse grande enfrentamento. Foi nela que o dragão encontrou refúgio e aliados após ter sido banido do céu. Aqui é interessante se perceber a posição

ocupada pelo capítulo 13 no conjunto dos acontecimentos narrados pelo autor do Apocalipse, para que se possa compreender o âmbito da desmistificação dos poderes do dragão configurado nas duas bestas que o capítulo apresenta.

Por um lado, o capítulo 12 é aquele que o precede. Nele, o dragão que queria devorar a criança que estava com a mulher é combatido e derrotado, no céu, por Miguel e seus anjos; por outro, o capítulo 14 à sua frente apresenta a criança que sobreviveu ao ataque fulminante do dragão. Ela está de pé sobre o monte em sinal de vitória.

Entre estes dois capítulos está, então, o cap.13. Ele é dotado de uma simbologia extraordinária formada por números e animais. Esses elementos são contributos que fazem ver o destino final do dragão, das bestas e também daqueles que são por eles perseguidos. Sendo essa, portanto, sua situação, é possível notar que a força das bestas – criaturas do dragão – já se encontra limitada e é indicada a sua provisoriedade. Fica caracterizado assim que a sua ação não é duradoura. Com esses traços, o autor do Apocalipse desmistifica os poderes bestiais que querem se sobrepor aos poderes divinos. Vejamos de que maneira ele o faz.

1 – Aparência de pantera, pés de urso, boca de leão

O autor do Apocalipse abre o capítulo 13 afirmando ter presenciado, no mar, a imagem de uma besta. Sua descrição aponta para um bicho de aparência tenebrosa, que reúne em sua forma o conteúdo de três animais perigosos e poderosos: pantera, urso e leão (Ap 13,1-2), cujas garras e dentes afiados destroçam com facilidade suas presas, que, não tendo outra saída, perecem cruelmente. Com uma aparência assim a fera é mesmo assustadora. Sua caricatura já revela seu caráter indócil, tirano, violento, perseguidor, aterrorizante e assassino. São os meios que utiliza para sobreviver. Frente a um bicho assim, o que se deve fazer? Correr e tentar escapar? Ou ficar e ser devorado?

A situação parece não oferecer grandes opções. Pois se trata de animais ágeis e velozes. Correr seria um gesto incentivador para o seu ataque; por outro lado, ficar é dar-se por vencido e aceitar o destino reservado pelo dominador.

São animais caçadores, conhecidos por sua sagacidade e agilidade. Estes perseguidores infalíveis não desistem até alcançar o seu objetivo, o domínio total de suas vítimas. Poderia ser essa, talvez, uma boa razão para que os comentaristas se encarregassem de identificá-la com o grande Império Romano, cuja força militar e irrepreensível eficácia administrativa fez curvarem-se a seus pés inúmeras nações. De fato, o Império tornou-se imensa e poderosa nação. Suas fronteiras atingiram basicamente todos os países que se encontravam localizados às margens do Mar Mediterrâneo, justamente o lugar de onde surge a besta vista e descrita por João.

Essa informação é extremamente interessante. Se a estrutura do animal é ameaçadora e tenebrosa, o ambiente de onde ele vem é um forte contributo para a definição de sua identidade. O mar, indicado por João, é o lugar em que se encontra a origem de todo o mal que assola a humanidade. É nele que se coloca o dragão. Portanto, vindo

dele, a besta não é boa coisa. Suscitados pelo dragão, o ódio e a maldade são seus alimentos prediletos. E sua missão não pode ser outra, senão a de semear o ódio e espalhar maldade por todos os cantos da terra a fim de que o dragão seja reconhecido como o todo-poderoso.

Assim como o animal que entra no campo delimitado pelo predador está prestes a morrer, a vida de quem cruzava ou habitava os domínios do Império não era diferente. Era um terreno demarcado por perseguições e violências; medo e insegurança; prisões e condenações; mortes e exílios. Corrupções e arbitrariedades dominavam o espaço. A força e a brutalidade são marcas registradas do predador, não existe meio termo: é render-se ou morrer. Era nessas condições que se manifestava a força imperial romana: soberania e absolutismo total. Sobreviver nesse ambiente era sinônimo de submissão, enquanto opor-se era assinatura de sentença de morte.

Costuma-se dizer, e é consenso entre os estudiosos, que a besta vista e descrita por João tem sua inspiração na visão do profeta Daniel 7,1-8, inclusive é bastante semelhante. Isso, porém, não significa que o autor do Apocalipse a tenha recopiado, mas que ele está fazendo referências a uma situação similar à vivida e descrita por Daniel. A força do Império Romano faz sofrer a população que, não tendo como combatê-la, rende-se aos seus pés. Daniel também mostra essa realidade, presente nos outros impérios, que antecederam ao Império Romano: Babilônico, Persa, Medo e Grego. Os dois revelam ainda, por trás dessas imagens, a debilidade que esses impérios apresentam apesar de sua grande força. Daniel fala de asas arrancadas, costelas entre os dentes e carnes devoradas, dentes de ferro, trituração e massacres com os pés; João, por sua vez, fala de adoração obrigatória à besta, marcas na fronte e na mão como condição de vida, blasfêmias, pouco tempo – 42 meses – etc. Tudo isso para revelar uma realidade ligada ao ser humano, sobretudo os poderes acumulados desses animais. São poderes humanos, cujas asas não permitem um vôo eterno e muito alto – foram arrancadas, diz Daniel 7,4 – nem seus dentes destroçarão o tempo inteiro. A fera tem pouco tempo para agir, afirma João, são apenas 42 meses (Ap 13,5).

Pelo que já foi apresentado pelo próprio livro de Daniel, sabe-se então que cada um desses animais é símbolo de impérios passados, os quais um dia subiram muito alto e quando desceram foram mesmo para o caos. A pantera representa o Império Persa – aquele governado por Ciro, que combateu contra Babilônia, venceu e "permitiu" que o Povo de Deus regressasse à sua pátria, em 538 aC (Esd 1,1s) –; o urso, por sua vez, é o símbolo do Império Medo, que se juntou ao Império Persa no combate à Babilônia; e finalmente o leão é justamente o símbolo do Império Babilônico – comandado pelo tirano Nabucodonosor que levou o Povo de Deus para o cativeiro, entre os anos 597 e 587 aC (2Rs 24–25). São três impérios violentos, sanguinários e cruéis, que nunca reconheceram a Iahweh como o Deus Supremo. Sempre confiaram em suas próprias armas para conquistar o mundo. Eis aí a razão primordial que tem levado os comentaristas a definirem a besta com o Império Romano. Se esses três impérios foram ruins, Roma é pior, pois é a soma dos três, isto é, são forças e maldades de três potências reunidas numa só. Pode-se dizer, assim, que o Império Romano é o ressurgimento dos três Impérios que haviam ruído.

A junção dessas três forças deveria fazer de Roma uma força imbatível, mas, ao contrário, elas constituem sua fraqueza. É aqui o primeiro ponto assinalado por João para desmistificar o poder da besta-Império. Ele chama a atenção para essas forças reunidas na besta, como fontes procedentes de impérios já derrotados. Destarte, o poder da besta não é confiável ao ponto de colocá-la nas alturas como ela quer que seja. Ele não lhe garante uma base sólida em que possa se firmar, mas concede-lhe o dom de empreender perseguição e terror para alimentar sua ilusão.

Outro dado importante revelado por João para desmistificar o poder utilizado pela besta é o indicativo apresentado no v. 2 que diz: "e o dragão lhe entregou seu poder, seu trono, e uma grande autoridade". Torna-se evidente aqui que o poder exercido pela besta não é um poder autônomo, e, por assim dizer, ele não lhe dá autonomia. A besta, então, é dependente de uma força maior, a do dragão, seu criador. A ação que ela desempenha não a faz um ser liberto, e, quando não se é livre, não se pode realizar atos conscientes e construtivos, pois se é limitado. Tal é a ação da besta: mais do que poderosa, ela simplesmente reproduz a vontade daquele que detém sobre ela o seu comando, isto é, ela executa as ordens que lhe são exigidas pelo dragão. Com essa condição, ela não pode se auto-afirmar nem se considerar poderosa e imortal, já que a sua limitação não lhe mostra claramente a duração da vida que tem, nem os rumos do futuro que pretende assegurar. Nisso, então, consiste sua insegurança, sua fraqueza e seu pouco tempo de glória: por uma hora apenas, diz 17,12.

Está configurado assim que os passos da besta são controlados pelo dragão. Ela nada pode realizar sem que tenha sua devida aprovação. Desse modo, suas ações devem convergir, constantemente, para a grandeza do dragão que a motiva a agir assim. Se é assim, de que adianta, então, possuir um poder que não permite ao seu portador a possibilidade de caminhar com suas próprias pernas? Tal é o poder da besta, aquele que a torna aleijada e presa em suas próprias atitudes.

A fera é, no entanto, apenas aparência. Apesar de seu formato assustador e de sua satisfação, ao achar-se importante e gloriosa, ela se apóia unicamente em sua idolatria. Isso a torna, imprescindivelmente, o lugar onde tudo e todos se revoltem contra Deus. Seu poder, assim como sua glória enganosa, não são mais que produtores de morte.

2 – Dez chifres, dez diademas: glória ou fracasso?

O texto é claro: a besta que sobe do mar é portadora de dez chifres e sobre eles estão fixados dez diademas – símbolos de poder e realeza (Ap 13,1). Com essa descrição a besta é, aparentemente, a imagem de um poder vitorioso que se estende brilhantemente sobre o mundo. Mas, observado com maior intensidade o formato com que ela é descrita, sua imagem indica uma outra realidade: fragilidade e vida curta, pois seu poder não é próprio dela, mas do dragão que a tem como vassalo (Ap 13,2).

Chifres e diademas não são, obviamente, meras expressões. Ao contrário disso, são referências que se ligam diretamente a poderes exercidos por certas autoridades, neste caso, àqueles que governam as nações. Não é, portanto, nenhuma novidade, muito menos fato estranho: as primeiras imagens que se formam na mente quando se vê ou se

fala de um diadema são imagens de glória e de poder, de modo que, quem o usa, indubitavelmente, se sente revestido dessa força que o dignifica.

O mesmo acontece com os chifres. É fato conhecido, sobretudo no Antigo Testamento, que o chifre sempre fora representação de força e que, por essa razão, algumas divindades eram levadas a ser assim representadas. Conforme o Sl 75,5s erguer o chifre por conta própria é um sinal que anuncia "segurança" e domínio de si mesmo. Por outro lado, ter o chifre levantado por outro, como se pode perceber nos textos de 1Mc 2,48 e Eclo 47,5, é revelar-se frágil e dependente; sua força é apenas um auxílio que o ajuda a se manter, o que quer dizer que sem ele a vida desse ser não existe.

Quanto aos chifres que se encontram nas cabeças da besta, são a imagem dos reis. Essa é a definição apresentada por 17,12 do próprio Apocalipse. Os diademas, por sua vez, constituem o elemento final na definição dos monarcas, são eles que permitem aos reis serem conhecidos como tais, pois é impossível a existência de reis descoroados.

Descrevendo assim a besta, João oferece uma preciosa informação a respeito dos chifres e dos diademas que ela tem. É um detalhe curioso que geralmente passa despercebido, mas que é sem dúvida aqui de singular significância. Ele nos convida a olharmos para o lugar em que eles se encontram sobrepostos, as cabeças da fera, mas no entanto eles não são cabeças – um sinal que já indica um caminho pouco próspero traçado pela besta e seus súditos. Esse dado é importante e esclarecedor. Ele ajuda a perceber que, mesmo sendo, cabeças e chifres, símbolos de poder real, existe entre eles uma grande diferença: os chifres, pelo posto que ocupam em relação às cabeças, são inferiores. Por outro lado, isso significa que o poder que possuem não os faz tão "fortes" quanto as cabeças que são capazes de resistir, ainda que provisoriamente, a feridas mortais (Ap 13,3). Elas são assim os guias e os chifres os guiados.

Vimos, pois, que a besta tem 10 chifres. Com essa quantidade ela deveria ser de fato poderosa, no entanto, a condição em que se encontram não lhe dá esse poder. Seus chifres são levantados pelo dragão, isto quer dizer que o poder do qual usufrui pertence a ele.

Sem a pretensão, porém, de descaracterizar a importância e o valor que os chifres e os diademas apresentam nesse episódio, gostaria de enfatizar que não é bem neles que se deve fixar a atenção aqui, pois, de certo modo, são adornos que enfeitam a besta. O número deles, dez (10), elencados pelo autor da narrativa é o fator primordial. Trata-se de um número incompleto, e, por ser incompleto, ele é uma das chaves que desmistificam o poder bestial. É com esse número que João se encarrega de demonstrar a fragilidade da base em que se apóia a besta. É uma base que não lhe oferece estabilidade, nem certeza de futuro promissor, e muito menos garantia de vida longa.

Ao relatar o número de alegorias trazidas pela besta, João chama a atenção para a inconstância na qual ela se agarra. A exemplo do número seis, dez também é sinônimo de imperfeição. Caracteriza-se, assim, a ilusória força de poder e glória apresentada pela besta. Seu fracasso está traçado. Seu poder não é absoluto nem eterno, pois ele é

procedente de um ser mais imperfeito ainda, o dragão. Desta forma, vindo de um ser imperfeito não se pode ser perfeito. É isso que acontece com a besta: ela já nasceu imperfeita e seu caminho não pode ser outro, senão a ruína, a destruição.

3 – Quem é como a besta?

Esta é uma pergunta extremamente tendenciosa, cuja dimensão não só revela um ato ousado de quem pretende se tornar absoluto, como adquire também um caráter afirmativo, o que significa, em outras palavras, que ninguém sequer se iguala a quem a pronuncia, quanto mais lhe é superior. Dessa maneira, a imagem da besta é elevada a um alto grau de prestígio que a fortalece em suas pretensões de ocupar o lugar mais alto do mundo: o poder incontestável.

Duas deduções podem ser elucidadas diante desse fato: a primeira é a demonstração de uma auto-suficiência, arrogância, despotismo e inadmissão de limitações, falhas e fraquezas; a segunda revela a confiança de superioridade – pela força que se tem, frente a adversários que se encontram pelo caminho – sem jamais imaginar a possibilidade de derrotas ou fracassos, coisas que aos olhos de quem assim procede são inexistentes.

Pela formação dos v. 3-4, nos quais se encontra inserida a pergunta – "a terra inteira seguiu a besta... E adorou a besta dizendo: 'Quem é comparável à besta?" –, a impressão que se tem é a de que não é ela que arroga para si um caráter superior e divino, pois não é dela que procede tal pergunta insinuante. Esta é fruto daqueles que a estão seguindo. São todos os que já se deixaram seduzir e dominar pelos atos que ela realiza. Para esses, seu poder é admirável e sua força inigualável.

É verdade que os versículos não colocam na boca da besta a autoria da pergunta. Com isso, porém, eles não negam ser essa sua grande pretensão. Os atos que ela faz falam mais que suas palavras. São eles que seduzem e encantam toda a terra que a adora e a aclama. Ao se portar assim, a besta se promove conquistando sua admiração – da terra – que, ao reconhecê-la, atribui-lhe um caráter extraordinário, digno de uma divindade.

Se parássemos aqui, não entenderíamos o real significado que os referidos versículos apresentam, nem a proposta que João está fazendo para que se veja com clareza as artimanhas da besta, e sem dúvida ainda estaríamos sendo seduzidos e obrigados a concordar com essas impressões que podem ser percebidas vivamente no comportamento do Imperador Romano Tibério César – 14-37 dC – ao responder à carta que lhe fora enviada por um grupo de magistrados da cidade de Giteion, no Peloponeso – sul da Grécia – expressando o desejo de venerarem-no como divindade.

> "Tibério, César, filho do deus Augusto, Augusto, sumo pontífice, investido do poder tribunício pela décima sexta vez, aos éforos de Giteion e à cidade, saudações!... Apresento-vos meus cumprimentos, sou de opinião de que é conveniente que todos os homens em geral e vossa cidade em particular conservem intactas as honras divinas devidas à grandeza dos benefícios que meu pai prestou ao universo inteiro; mas, quanto a mim, contento-me com honras mais moderadas e humanas".[1]

A sutileza do Imperador é bastante refinada. Embora em sua carta não diga claramente ser um deus, nas entrelinhas ele reconhece ser essa sua condição: "Tibério, César, filho do deus Augusto... contento-me com honras mais moderadas e humanas." Outro fato relevante é que Tibério não hesita em afirmar, em momento algum, que seu pai – César Otávio Augusto, 30 aC até 14 dC – é um deus, e seus atos, uma fonte de grandeza e benefício para o universo inteiro. Ele é digno de honras divinas.

O gesto dos magistrados é também a expressão daqueles que adoram a besta. Honrar o Imperador é sinônimo de construir-lhe um templo, e construir-lhe um templo é o sinal da mais pura admiração, reconhecimento e aceitação como divindade.

Os grandes feitos do Imperador Domiciano (81 até 96 dC) em função do embelezamento de Roma – como a reconstrução do capitólio[2], incendiado em 80 dC, a construção de uma nova cúria para o Senado, o templo de Vespasiano, o arco de Tito, o melhoramento e a reconstrução das estradas nas províncias romanas etc. – são uma continuação do que fizeram todos os imperadores. Todas essas obras e monumentos demonstram a pretensão de tornar a besta desejável para todos. Quem mais além do Império pode oferecer isso? Quem é como a besta realizadora de maravilhas que encantam e seduzem? (Ap 13,4).

Não se pode negar que é essa a condição do Império entranhada em cada um dos seus imperadores. Sua sede de poder, grandeza e superioridade é uma herança que lhe vem desde Júlio César, o grande conquistador romano, venerado por suas vitórias e seguido por todos os que assumiram o mais alto posto do Império. Era através do poder, dos seus atos e de suas leis que ele se impunha sobre todas as nações, que se curvam e o reconhecem como forte e invencível.

Mas, por outro lado, seria bem supérfluo olhar para o comportamento da terra em relação à besta, sem se perguntar qual a dimensão da admiração que a leva a adorá-la. O termo usado por João é *ethaumáste* ou *ethaumásen* – conforme algumas versões, como o *Sinaiticus* por exemplo – cujo significado é uma admiração acompanhada de assombro. Sendo esse então o significado da palavra, não se pode afirmar que a terra simplesmente a adorou e a seguiu, mas que ela foi forçada, por medo, a adorá-la.

O mesmo acontece com o verbo prostrar-se, usado por João na terceira pessoa do plural *prosekynesan*, que em seu sentido estrito denota o dobrar os joelhos em sinal de adesão e veneração, e, neste caso, ao dragão e sua filha, a besta.

A ação desempenhada por estes dois verbos são as armas que João usa para desmistificar a grandeza da besta. Sua revelação é a de que a besta não governa nem impera por ter a aprovação da terra, mas por impor sobre ela a força de suas armas, obrigando-a a curvar-se à sua frente e assumi-la como fonte de vida.

1. Jean COMBY e Jean-Pierre LÉMONON. *As religiões no Império Romano*, p. 19.
2. Templo dedicado às três grandes divindades romanas: Júpiter, Juno e Minerva.

Ser comparável à besta é tornar-se igual a ela. É reproduzir, cegamente, todas as suas ações tendo-a como modelo e guia. É, em outras palavras, ser escravo dela. Estas são as características da besta reveladas por João. Ele chama a atenção para o tipo de poder do qual é portadora: violento, odioso, sutil e escravizador.

Agir dessa forma não é motivo de grandeza e glória, mas de insegurança e temor. O poder usado assim torna-se, imprescindivelmente, fonte de crueldade e morte. Diante dele, ao invés de cidadãos, todas as pessoas são vistas como inimigos. "Que adianta ganhar o mundo inteiro e arruinar sua própria vida?" (Lc 9,25). A pergunta de Jesus ajuda a entender o que João revela sobre o poder da besta que quer conquistar através do ódio e da violência. Com esse comportamento, esse tipo de poder só espalha o terror sobre a terra e atrai sobre si a ira dos dominados, que se sentem violentados, ultrajados em sua dignidade e obrigados a viver sob condições indesejáveis: a submissão.

4 – Aparência de cordeiro, voz de dragão

Há um ditado popular que diz: "A mentira tem pernas curtas". É assim a imagem da segunda besta – a bestinha – descrita pelo autor do Apocalipse. Ela aparece como que fantasiada, trajando, sobre sua real condição monstruosa, as vestes de um cordeiro. Seu intento é aproximar-se e seduzir quem cruzar o seu caminho. Sua imitação, porém, por não ser realidade, não permite que se sustente por muito tempo. Ela é traída por sua voz que revela sua verdadeira identidade: netinha de dragão, cuja boca pronuncia as palavras que dele aprendeu por meio da besta, sua mãe: insolências e blasfêmias (Ap 13,5).

"Vi então outra besta sair da terra: tinha dois chifres como um cordeiro, mas falava como um dragão" (Ap 13,11). João abre assim a segunda parte do cap. 13. As primeiras informações que apresenta do animal já são indicativos que o revelam uma criatura inconfiável, carregada de falsidades e más intenções. A primeira delas é querer esconder sua própria identidade – um ato enganoso e inescrupuloso –; a segunda, é o fato de usar disfarces para poder laçar, com seu veneno ideológico, quem estiver ao seu alcance – um gesto traiçoeiro, covarde e desencantador. Mas, como diz o ditado: "o feitiço virou contra o feiticeiro". É o que ocorre com a besta. João evidencia que ela esqueceu algo fundamental: mudar o rótulo sem mudar o conteúdo, e o seu sabor não adianta muita coisa. Parecer-se a cordeiro ou apresentar-se como tal exige mudanças profundas na estrutura de quem pretende ser assim. Isso significa assimilação total dos gestos, atitudes e palavras do cordeiro, o que não é o caso da besta. Sua fala e seus atos continuam sendo os do dragão.

Se bem se observou, essa besta é diferente da primeira em aparência e poder. Enquanto a primeira possuía 10 chifres, essa segunda possui apenas dois. A primeira sai do mar – representação dos poderes maiores: político, administrativo e militar – e a segunda vem da terra – configuração das instâncias menores: o poder religioso. A segunda besta é, então, uma suscitação da primeira, que a cria para que ela a ajude a manter vivo o domínio do dragão.

A terra como o lugar da origem da segunda besta é a configuração do *habitat* humano, onde ela pode caminhar com mais sutileza que a besta que vem do mar, de quem recebe poder com a missão de organizar, seduzir e conduzir toda a terra a uma total integração à ideologia estereotipada da primeira besta: "ela faz com que toda a terra e seus habitantes adorem a primeira besta" (Ap 13,12).

Mas, o que ou quem se esconde por trás dessa imagem? Por que ela sente a necessidade de se mascarar? Seguramente por saber quem ela é. Se se mostrar sem máscara será logo descoberta e recusada. É o poder religioso do Estado que trabalha para ostentar o símbolo de grandeza do Império e do seu Imperador, como a divindade que oferece a paz para o mundo. Esse poder religioso é um falso profeta que alimenta, por meio de mentiras e ilusões, a ideologia de que a paz do Império é boa, assim como é bom aquele que o dirige.

Os sacerdotes imperiais – besta: falsos profetas – sabiam, com muita habilidade, infiltrar-se nos ambientes religiosos diferentes e conquistar a confiança dos que estavam à frente dessas atividades, fazendo-os adeptos firmes da ideologia imperial.

Conforme os v. 12-17, agindo sob o poder da primeira besta, que a impulsiona, a segunda besta estrutura de tal forma sua missão que é quase impossível não ser induzido a aderir. De maneira sorrateira, ela busca incessantemente fazer a terra inteira curvar-se perante a primeira besta, aceitando-a por adesão totalitária como única e poderosa (Ap 13,14). Com a capacidade de realizar proezas e grandes maravilhas, tem a pretensão de levar a população da terra a crer que a besta é portadora de um poder capaz de decidir pelo futuro de cada cidadão e cidadã (Ap 13,14-15). Apresenta ainda a primeira besta como o único meio de poder participar ativamente do meio social e econômico, assim como fazer crer que grandes e pequenos, ricos e pobres, livres e escravos são iguais ante o poder da besta (Ap 13,16-17). É o que se pode chamar de tentativa de uniformidade.

Pablo Richard[3] fala de mecanismos e estruturas sofisticadas, dos quais dispunha a besta no exercício de sua adoração. Essa besta, ele também a chama de falso profeta, cuja aparência é de cordeiro, mas a voz é de violência e agressão. Ela é a representação de toda a estrutura ideológica desempenhada pelo Império. Dela fazem parte "seus sacerdotes, seus filósofos, seus mestres, seus magistrados; seus cultos, suas celebrações maciças, o circo; suas atividades culturais no teatro, no odeon, no hipódromo; seus ginásios e efebias, o desporto e suas olimpíadas; o direito romano e a filosofia greco-romana; as insígnias imperiais nas moedas; a organização do mercado, do comércio; as relações internacionais."

Era algo ligado profundamente à classe nobre. O culto organizado pela besta era uma espécie de assembléia onde estavam reunidos apenas os homens de grande prestígio das Províncias. Era deles a responsabilidade de promover o culto ao Imperador. Entre todos os poderes – político e sagrado, administrativo e religioso – o laço de uni-

3. *Apocalipse: Reconstrução da esperança*, Vozes, Petrópolis 1996, p. 196-197.

dade exercia total vivacidade. O mais interessante de se perceber é o fato de que era nessas reuniões que se tinha o costume de eleger o sumo sacerdote para a administração desse culto para toda a Província, sobretudo na da Ásia Menor. Concorrer a este cargo exigia do candidato a responsabilidade de organizar, da maneira mais luxuosa possível, os eventos em que se comemorava o aniversário do Imperador que ora dirigia a nação. Isso significa que só os que tinham muito dinheiro é que podiam participar do ato.

A quem interessava tudo isso senão ao Estado e seus adoradores? Estar à frente desses eventos significava ter muitos lucros e mais influência no campo político. Agradar ao Imperador da melhor maneira possível era, assim, a porta de entrada para todos esses benefícios. Mais do que outra coisa, isso era o interesse pessoal de promoção.

Como já fora mencionado, compartilhando desse esquema estava todo o corpo administrativo do Império que se empenhava no controle da vida das pessoas conforme os interesses pessoais e imperiais, sobretudo no que diz respeito aos campos político e econômico. Quanto maior fosse a submissão do povo, maior seriam os lucros imperiais. Entrar nesse esquema significava tornar-se objeto de manipulação da ideologia do Império. Era receber a sua marca para participar da vida ativa do comércio e de outras atividades desenvolvidas pelo Império. Recusar era mesmo ser excluído de tudo.

Estando assim a organização do culto ligada diretamente à nobreza, ao povo não restava nada mais além da obediência e do reconhecimento da importância do soberano pontífice, a quem expressava seu desejo de subordinação e honra.

Eis aí o animal com aparência de cordeiro e voz de dragão que o autor do Apocalipse apresenta. Aquele que arrasta para a perdição toda a terra com seus atos opressores e marginalizadores. Ao dizer que o animal tem voz de dragão, João está chamando a atenção justamente para o seu comportamento destruidor e interesseiro. Seu poder é mais frágil que o poder da primeira besta, pois é desta que ele vem. Encantar-se com a besta é desistir da vida, pois tudo o que ela faz conduz para a fatalidade.

5 – 666: marca de liberdade ou prisão?

Diz o livro do Apocalipse, no último versículo deste capítulo 13, que a besta é portadora de um número, indubitavelmente o número com o qual são marcados todos os seus seguidores a fim de que não haja nenhuma dúvida que, de fato, eles pertencem a ela. Essa marca impressa pela besta sobre seus adoradores é aquela que concede, a cada um deles, o direito de transitar "livremente" pelas ruas, cidades, festas, etc. sem correrem jamais o perigo de serem atacados e/ou dizimados por sua força avassaladora.

Marcar pessoas e objetos era uma prática muito comum no ambiente do Império Romano, sobretudo quando se tratava de garantia de posse. Os escravos, por exemplo – uma das colunas do recurso econômico do Império –, costumavam carregar em suas frontes a marca do nome do seu proprietário. O mesmo fato acontecia com os soldados

das legiões romanas, que tinham que gravar na mão a marca do Imperador em sinal de fidelidade e pertença. Aplicada ao âmbito religioso, a prática é idêntica. A verdadeira devoção por uma divindade era caracterizada pela sua marca, que todos os fiéis tinham que receber. Assim, além da pertença, os marcados estavam sob a proteção daquela divindade.

No entanto, falar da marca da besta é provocar ainda, na cabeça de muita gente, uma situação desconfortável, de medo e inquietação. Geralmente se é tentado, ao olhar para esse v. 18, a querer logo decifrar o número que a besta tem, fazendo-se referências sobretudo a pessoas. Não se pode acreditar que tenha sido essa a intenção de João. Ao usar a expressão "quem é inteligente calcule", ele está fazendo o convite para que se abra o olho e se possa descobrir o real significado que se oculta atrás desse número que identifica a besta. Para isso, é necessário que se tenha um olhar aguçado sobre tudo o que está à sua volta. Tem que calcular.

A marca é indiscutivelmente um sinal de pertença, porém existem modos diferentes de pertencer: com liberdade, e através da força. Olhando para a Carta aos Efésios por exemplo, encontra-se a passagem que diz: "fostes selados pelo Espírito da promessa, o Espírito Santo" (Ef 1,13s). A palavra usada pelo autor da Carta é *esfragisthete*, cuja denotação é um selar no coração, pelo Espírito da verdade, que é o Espírito Santo. Esse fato acontece por livre e espontânea vontade de ambas as partes, ou seja, nem marcado nem marcador podem estar em desacordo. É uma marca de pertença a Deus, a qual é vista por ele e sentida por quem a recebe.

Ao contrário do autor da carta aos Efésios, o autor do Apocalipse usa o termo *cháragma* para afirmar que era com ele que a besta marcava os seus seguidores. Era uma espécie de selo, imagem ou brasão oficial de uma instituição, utilizado para legitimar a validade de documentos. Pelas informações dos v. 16-17, supõe-se que sejam documentos comerciais e algum tipo de certificado. Provavelmente, a utilização do termo pelo autor da obra seja uma referência ao selo oficial do Império Romano.

Flávio Cavalca de Castro[4] faz referência a um tipo de certificado que era entregue a cada cidadão que fizesse – sob a exigência obrigatória do Império – o gesto de adoração ao Imperador atirando incenso no fogo e expressando de viva voz: "*César é Senhor*". Nesse certificado estava uma marca, como prova de ter sido o ato algo verídico e testemunhado pelas autoridades, de modo particular religiosas. Uma marca assim não pode ser libertadora. Ela prende, humilha, obriga e destrói a vida de quem quer que seja.

A compreensão do número da besta está ligada a tudo isto. Fizemos anteriormente referências ao número 6, como um número incompleto e cheio de necessidades. O número que a besta tem é a repetição, por três vezes, desse mesmo algarismo, formando assim a centena 666. Se o seis é imperfeito, sua triplicação o torna mais imper-

4. *Apocalipse hoje*, p. 48.

feito ainda, e é isso que a besta é, um ser completamente imperfeito que nunca atingirá a perfeição e a plenitude simbolizadas pelo número 7.

Com o uso dessa simbologia numérica, João aponta mais uma vez a ilusória força de poder sustentada pela besta, pois, sendo imperfeita, suas ações seguem a mesma sina, o fracasso absoluto. Afirmando ser o número da besta um número de homem, João desperta seus leitores para um detalhe interessante: o poder da besta é meramente humano, fraco e incapaz de qualquer esboço de vitória contra o poder de Deus presente em seus seguidores.

Ter a marca da besta é identificar-se com ela e, conseqüentemente, com todos os seus atos. É agarrar-se numa força destrutível, sedutora, mentirosa e prisioneira. É tornar-se inimigo de Deus como lembra 14,9, e entrar por um caminho que conduz à violência, ao despotismo, à morte e ao fim total.

Conclusão

"Onde há fumaça há fogo." Para o autor do Apocalipse este ditado popular assume o caráter de que, onde há esperança, há a possibilidade de florescer a vida. Por difícil que pareça ou seja a situação, para aquele que acredita e luta a existência dessa vida nunca é impossível. É essa experiência que João transmite ou tenta transmitir através deste cap. 13 com toda a sua simbologia, que, sem dúvida, oferece muitos outros elementos a serem explorados, e que ajudam a ampliar a visão e o entendimento da realidade.

Diante de um poder tirânico, que usa de todos os artifícios para se manter, a tendência é sempre se abater. Mas João é um daqueles que não estão dispostos a desistir. Ele acredita que esse poder, por sua forma de agir, não irá muito adiante. É um poder frágil, cuja sobrevivência se deve à criação de situações de opressão e arbitrariedade que esmagam as pessoas, da mesma maneira que um rolo compressor amassa o chão. Pavor e perseguição ocasionados pela ânsia bestial em querer ser absoluta, imbatível, única e necessária, eram traços demoníacos da política administrativa e militar do Império Romano imposta sobre os povos.

A absolutização do poder – pretensão generalizada da besta – é sua própria idolatração, a qual estabelece situações inadequadas de vida: submissão, escravidão, exclusão, prisão e morte tanto física quanto psicológica. Essa é a sina de todo Império. Todo Império traz em si uma estrutura que se sustenta basicamente sob essas condições. Por essa razão, é necessário, além das forças políticas, administrativas e militares, todo um aparato propagandista que induza as pessoas a acreditar na sua ideologia de sistema eficaz e benéfico: o poder religioso.

Se o dragão criou a besta como seu porta-voz com o objetivo de enganar a terra inteira, entregando-lhe seu poder, ela, por sua vez, criou uma auxiliar, a segunda besta, cuja aparência é dócil, mas é terrível como o dragão (Ap 13,11-12). É a força religiosa a serviço do sistema do dragão, que ilude e cega as pessoas, ante o plano destruidor do dragão.

Não pensemos, porém, que tudo isso seja fruto unicamente de uma realidade longínqua, em que viveram as pessoas envolvidas nesse relato; é fruto também dessa realidade que está muito próxima de nós, seja ela de Brasil, de Norte, de Pará, de Belém. A sede pelo poder constitui ainda hoje um ato de tirania que invade as pessoas, sobretudo quem almeja um espaço em qualquer instituição, seja ela política, militar, econômica e até religiosa.

Em nome desse poder despótico, que de alguma forma garante a imunidade parlamentar ou de qualquer autoridade social – como acontecia com os imperadores e toda a sua administração –, a ação corruptiva assola a sociedade que padece o descaso, enquanto eles, nos seus tronos e palacetes, comem e dormem sem peso de consciência. É um poder que confere *status* e guarda em sua sombra as mais terríveis atitudes que destroem a vida das pessoas.

"O sistema gosta que rezemos, que cantemos, que façamos caminhadas. Desde que não sejam abaladas as suas estruturas corrompidas nas quais se sustenta, ele até dá o seu apoio. Porém, não é essa a nossa missão de Profetas, que crêem em Jesus Cristo. Não podemos nos entregar à mercê desse sistema que destrói a vida das pessoas e pensa que é normal. É necessário se ter a coragem de romper com ele, de arrancar a sua máscara mentirosa e desvendar os olhos quanto à sua identidade", dizia um cidadão discursando nas ruas de Belém durante uma caminhada ecumênica em que se celebrava a paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Sem dúvida, o relato de João encaminha para isso. Ele testemunha uma realidade que invade as pessoas e as domina por dentro. Uma realidade que dificilmente é percebida por sua sutileza e encanto. Ficar atrelado a ela é alimentá-la fortemente e favorecer sua contínua existência. É viver em constante ilusão, sem jamais ter a coragem, o desejo profundo de se desligar de tal sistema gerador dessa realidade de cegueira e ilusão. A besta é um mero sistema humano, dirigido por humanos, e isso, portanto, pode ser destruído, derrotado. É possível vencê-la? É, desde que se tenha a consciência e a coragem para enfrentá-la fortalecidos pelo Plano de Deus.

Arlindo Moura
Caixa postal 1049
Belém – PA
66017-970